

# Onça que dá em árvore

Na reserva Mamirauá, no Amazonas, uma cena insólita durante as cheias, de maio a julho: com a selva embaixo d'água, as onças-pintadas sobem as árvores e lá dormem, caçam e vivem

Texto | Camila Fróis    Fotos | André Dib

A onça Baden, batizada pela equipe de monitoramento, observa as visitas do alto de uma árvore na floresta inundada

A água se aproxima aos poucos. Vai envolvendo o tronco das árvores, preenchendo os espaços da mata fechada. Estamos na floresta Amazônica, no coração da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, na região do médio Solimões, no Amazonas. As aves ciganas riscam tranquilamente o céu e o macaco uacari-branco sente-se em casa. Nada parece diferente na paisagem, não fossem as onças-pintadas. Quando a água sobe, entre os meses de maio e julho, elas protagonizam um fenômeno sem registro em qualquer outro lugar do mundo: escalam árvores que têm entre 20 e 30 metros e lá dormem, descansam e caçam.

A descoberta de que o maior felino das Américas vive nas alturas foi confirmada este ano pelo pesquisador Emiliano Esterci Ramalho, do Instituto Mamirauá. “Moradores da região viram algumas onças em cima das árvores no ano passado, nos contaram e fomos investigar. O mais comum

seria os animais procurarem uma área não inundada, mas Mamirauá é uma ilha, o que dificulta esse deslocamento. Os machos ainda procuram as áreas secas; as fêmeas, no entanto, acabaram se adaptando às cheias e criando seus filhotes em cima das árvores apuí”, conta o especialista.

Quem não gosta muito são as preguiças, que, assim como os macacos guariba, viraram a principal fonte de alimento dos felinos nessa época. “Na seca, as onças também comem o jacaré-tinga e outros animais”, conta Emiliano. O biólogo estuda o comportamento das onças há dez anos e, no ano passado, monitorou quatro delas com um colar de telemetria para conseguir dados para seu projeto de pesquisa e preservação, o Iauaretê. Os animais da região têm, em média, 1,80 metro de comprimento e 50 quilos e costumam comer 2,5 quilos de carne por dia.

A busca pelo alimento acabou gerando conflito entre as onças e os ribeirinhos.

Para avistar as onças em cima das árvores, os visitantes se embrenham pelos canais



Muitos deles as matavam para defender os gados e porcos de ataques noturnos. Desde o início do projeto de pesquisa, em 2004, Emiliano percebeu que o trabalho de preservação da espécie só seria eficiente se os moradores mudassem a relação que tinham com o animal. Era preciso que as onças e os ribeirinhos se conciliassem.

### Hóspedes da floresta

A Pousada Uacari, situada no lago de Mamirauá, teve papel fundamental na transformação da relação onça-ribeirinho. Situada a 60 minutos de barco do aeroporto de Tefé, a hospedagem é gerida pelo Instituto Mamirauá em parceria com uma associação comunitária de moradores da reserva. Lá, os hóspedes podem degustar peixes, como o tambaqui, tapiocas de farinha artesanal e sucos de frutas amazônicas, como o de cupuaçu. A luz é artigo de luxo, a brisa do lago substitui o ar condicionado e, para

os mais aventureiros, é possível ficar na “casa da mata”, uma estrutura de madeira em palafita, toda telada para que se possa dormir em meio à selva. Mas, apesar de toda a singeleza e da autenticidade, o que de fato interessa os turistas acontece fora dos limites da pousada.

Trata-se do passeio de quatro dias em busca das onças-pintadas, chamado de Jaguar Expedition. Sob o conceito do turismo sustentável, a expedição leva hóspedes da pousada para avistarem os animais monitorados pela equipe de Emiliano. Os recursos gerados são reinvestidos na preservação da espécie e na melhoria das condições de vida dos ribeirinhos.

Os pesquisadores acreditam que transferir recursos do turismo de observação para as comunidades é uma forma de ampliar a tolerância com relação à espécie nos vilarejos. “Sem as pessoas, a gente não protege nada. A gente não protege árvore,

A reserva Mamirauá vista de cima. A unidade tem 1,124 milhão de hectares



O pesquisador Emiliano Esterci tenta localizar as onças por meio de rádio

não protege rio, não protege peixe, muito menos onça. Não existe conservação da floresta sem as pessoas que vivem nela”, enfatiza Emiliano.

### Em busca dos felinos

Participar da expedição é uma aventura. Dentro de uma canoa, atravessamos os igapós em profunda contemplação para ouvir a selva. Desviamos de galhos e troncos, bicos-de-brasa gorjeiam, os olhos do gigante jacaré-açu despontam aqui e ali. Com receptores de rádio VHF, Emiliano e biólogos do Iauaretê estão atentos. Ligado a uma antena esférica, o aparelho assemelha-se a um radinho comum, tem dois quilômetros de alcance e é capaz de sintonizar diferentes estações que identificam o sinal das onças monitoradas.

O apito pode vir em questão de minutos ou de horas, a depender da sorte e da quantidade de informações que Emiliano tiver conseguido, via satélite, sobre os animais. Na teoria, os colares dos bichos deveriam

mandar sua localização a cada três dias para o e-mail do biólogo. Na prática, esses sinais podem demorar bastante a chegar, pois a mata fechada faz com que os troncos das árvores funcionem como uma barreira natural ao GPS. Mas, apesar de todas as dificuldades, o fato é que Mamirauá tem uma das maiores densidades da espécie no mundo: são, em média, dez onças por 100 quilômetros quadrados. E estamos com sorte. Emiliano aponta a antena para a margem da floresta, o aparelho apita e navegamos por 40 minutos até identificarmos de onde vem o som. Então o bicho aparece.

Nem mesmo a musculatura rígida ou as presas despreziosamente exibidas em um bocejo são fortes como o seu olhar. Até os biólogos e guias, acostumados ao encontro, vibram em silêncio. Flerto com o felino e bastam alguns instantes para qualquer dúvida acabar: a “pantera” brasileira definitivamente reina nas terras amazônicas. Consigo entender, enfim, por que o animal é tão reverenciado na floresta; os



A raríssima onça-preta; apenas 3% das onças no mundo têm essa cor



Seu Manduca foi atacado por uma onça, mas hoje trabalha pela sua conservação

Índios xavantes, por exemplo, esfregam a gordura da onça abatida no corpo dos meninos para torná-los fortes. E também compreendo o que leva turistas de todas as partes do mundo a passar horas em cima de uma canoa para avistarem a fera. É que, apesar do medo – ou quem sabe por causa dele –, a onça encanta.

Que o diga Vanderlei Gomes, cozinheiro da pousada Uacari conhecido como seu Manduca. Numa pescaria solitária, ele, distraidamente, encostou a canoa num tronco onde a fera descansava. Provavelmente se sentido acuado, o bicho reagiu em questão de segundos. “Ela mordeu meu rosto e me jogou no rio junto com ela”, conta. Seu Manduca conseguiu escapar, apesar de a mordida do bicho chegar a 910 quilos-força. Mesmo com o rosto machucado, remou por mais de três horas e arrastou a canoa por uma trilha até em casa. “Todo mundo achava que eu ia morrer”, lembra.

Os 28 pontos no rosto, porém, não o desestimularam a trabalhar no projeto pela proteção do felino.

Como ele, quase todos os funcionários da pousada moram na região. Almir de Araújo, que conduz a canoa, procura espaços quase inexistentes entre troncos e galhos e segue com segurança. “É preciso observar de onde vem a luz do sol e para onde a água corre para encontrar o caminho de volta. Aqui o nível da água deve estar a dez metros do chão”, diz. E nos aponta folhas, raízes e frutas, explicando que o xarope extraído da copaibeira é muito bom para a tosse; o da andiroba para machucados; e que o chá de açaí é tiro e queda para a diarreia.

A intimidade dos guias locais encanta os turistas, mas para Emiliano ela é crucial, sobretudo na hora de encontrar as onças. Muitas vezes são eles que acham os felinos em meio ao emaranhado da

floresta, sem GPS, baseados apenas nos rastros. Também costumam estimar a hora do dia pela incidência do sol nas árvores, ou se vai abrir ou fechar o tempo a partir da intensidade do vento e da observação das estrelas. “Os guias são peças-chave no rastreamento, estudo e conservação das onças-pintadas”, diz Emiliano. E completa: “São nossos parceiros”.

### Harmonia homem-natureza

Esse conceito de parceria está no DNA da reserva de Mamirauá. Sua criação foi resultado do esforço e do trabalho do biólogo visionário Márcio Ayres, que chegou à região onde os rios Solimões, Japurá e Uati-Paraná se encontram em 1983 para estudar primatas e acabou especialista em gente. Partiu dele o pedido que sensibilizou o então governador Amazonino Mendes para a criação de uma reserva capaz de proteger aquelas terras inundáveis, onde morava o endêmico macaco uacari.

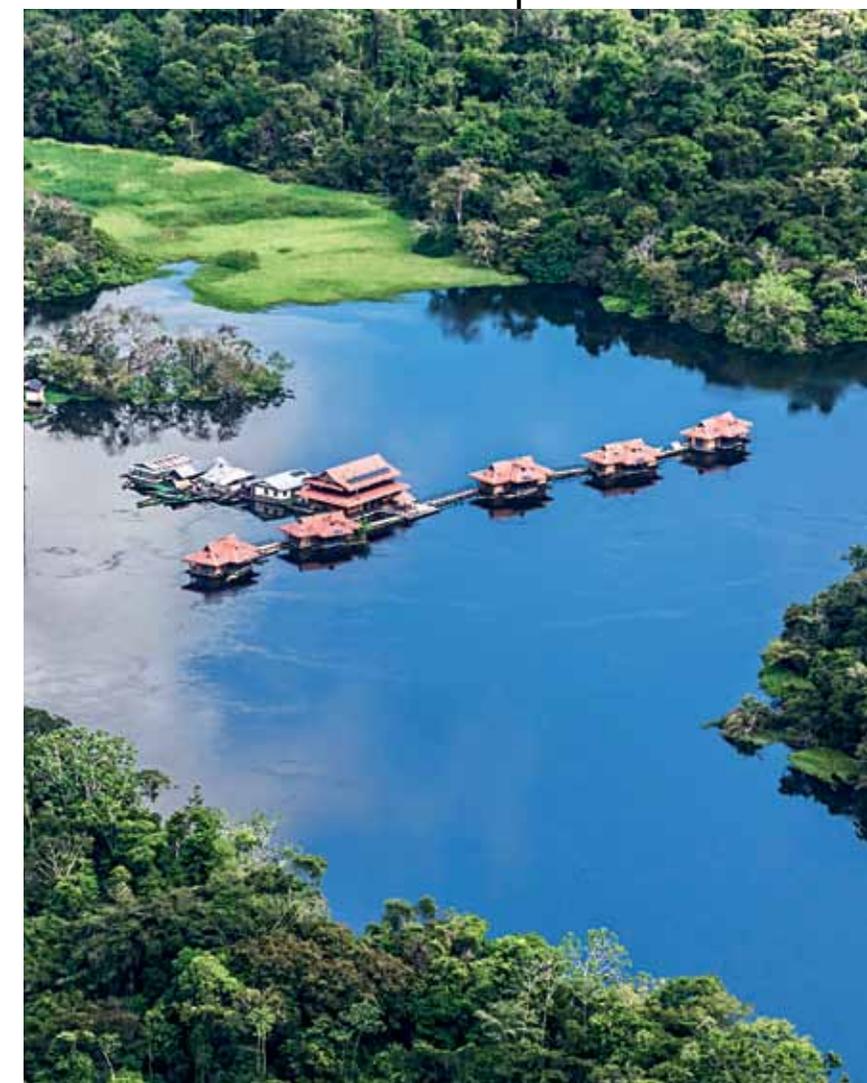
A saída de homologar uma estação ecológica que restringia a ocupação humana, porém, não deixou Márcio satisfeito. Durante suas expedições, ele encontrou em Mamirauá uma gente brava, tão valiosa quanto a paisagem amazônica ou as criaturas que ele pesquisava. Por isso, o estudioso entendeu que era preciso respeitar a autodeterminação do povo que ali vivia há séculos, desenvolvendo (assim como as onças) habilidades para conviver com as cheias e as dinâmicas da floresta.

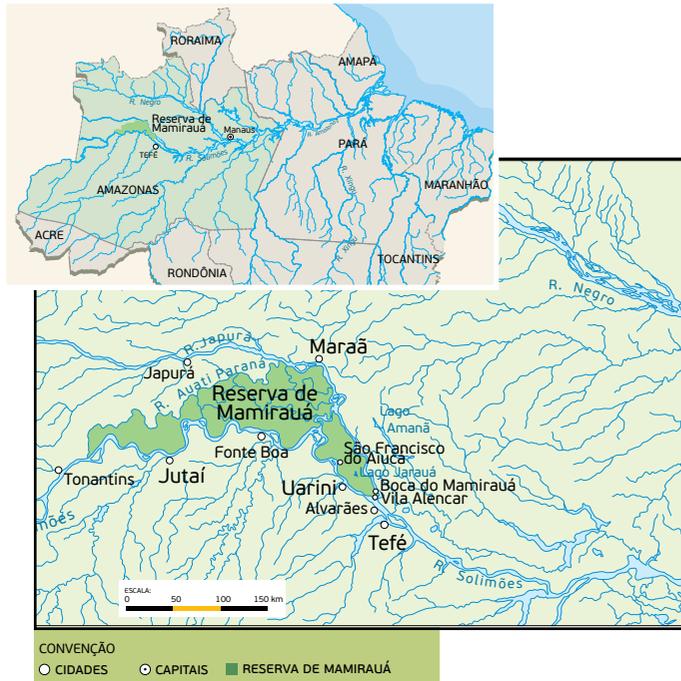
Foi para harmonizar essa população com a natureza ao seu redor que, em 1996, Mamirauá virou a primeira reserva de desenvolvimento sustentável (RDS) do Brasil, uma unidade de conservação em que o ser humano passava a ser considerado parte do ecossistema. Márcio conseguiu colocar em xeque o paradigma conservacionista que apartava o homem do seu ambiente natural e começou a ensinar os moradores da reserva a manejar uma das mais ricas biodiversidades terrestres.

Os nativos aprenderam estratégias para não deixar de desfrutar do sabor do pirarucu, da versatilidade do pau-rosa, ou do canto do bico-de-brasa. Na prática, os mais de 90 projetos de pesquisa do Instituto Mamirauá desde então mostraram aos caboclos como extrair a madeira sem devastar o território, como pescar sem atrapalhar a procriação dos peixes, garantindo, em último caso, sua própria sobrevivência. Foi claramente inspirado nessa filosofia inaugurada por Márcio que Emiliano encontrou o caminho de sua pesquisa.

Antes de se equipar com diversos aparatos tecnológicos, ele recorreu aos

Vista área da Pousada Uacari, gerida pelo Instituto Mamirauá e os ribeirinhos





## Feras sob ameaça

A onça é o maior carnívoro da América do Sul. Pode medir mais de 2 metros e pesar quase 160 quilos. No Brasil, é encontrada principalmente na Amazônia, caatinga, cerrado, mata Atlântica e Pantanal. Não é possível estimar a quantidade de indivíduos no país, segundo o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (Cenap), pois o tamanho da Amazônia e da população do Pantanal dificultam o trabalho. Na mata Atlântica e na caatinga, a espécie está criticamente ameaçada.

Se não forem tomadas medidas urgentes, em 80 anos a espécie deve se extinguir em algumas regiões da mata Atlântica, segundo estudo do Cenap. Um dos principais desafios à sua preservação são a caça predatória, a perda de território e o comprometimento do *habitat* do felino, já que as áreas em que vivem têm sido afetadas pelo desmatamento. A transformação do ambiente natural da espécie em áreas para atividades agropecuárias também é outro ponto crítico. Predadores como a onça têm um papel ecológico fundamental no equilíbrio dos ecossistemas. Por estarem no topo da cadeia alimentar, regulam o tamanho populacional de outras espécies, como porcos-do-mato, veados e capivaras.

caçadores, pescadores e caboclos que se banham nos mesmos rios e lagos que as onças, dividem com elas as mesmas trilhas e se alimentam das mesmas presas (preguiças e jacarés). A proximidade com as pessoas permitiu que ele conhecesse o comportamento do bicho, soubesse por onde circulava e o que caçava.

Desde que pisou na Amazônia pela primeira vez, aos 17 anos, Emiliano decidiu tornar-se um biólogo para atuar na flores-

ta. O menino cresceu, virou doutor em onças pela Universidade da Flórida e trocou as praias cariocas pela selva para integrar a equipe de mais de 300 colaboradores, entre veterinários, biólogos, turismólogos e educadores ambientais que atuam na proteção de Mamirauá. O isolamento da região Norte veio no pacote. “Acho que me pareço com as onças na capacidade de me adaptar. Eu sinto falta da minha família, da praia, da vida cultural no Rio, mas abri

mão disso em nome de um sonho maior.”

Mesmo depois de uma década de trabalho, o desafio de conservar a espécie continua árduo. “O fato de termos descoberto que as onças permanecem em áreas alagadas durante as cheias mostra que as florestas de várzea são importantes para a sua preservação”, afirma. Mamirauá segue como um refúgio para as onças-pintadas. E mostra que o felino, além de poderoso, é capaz de se adaptar. ●

Baden boceja depois da soneca. De acordo com os pesquisadores, as onças não se sentem ameaçadas

